

Editorial – Comunicação de riscos e desastres socioambientais no Brasil: uma área em estágio de amadurecimento

Editorial – Communication of socio-environmental risks and disasters in Brazil: an area under development

A proposta deste dossiê na **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, uma publicação interdisciplinar de amplo conhecimento no Brasil e América Latina, teve como propósito reunir e estimular os estudos orientados para a comunicação de riscos e desastres, especialmente sob a compreensão de que são permeados por relações entre sociedade e natureza. Nós endossamos a proposta de que não existem desastres naturais, buscando desmistificar a ideia de que as decisões humanas não fazem parte do processo e ressaltando a necessidade de dar mais visibilidade aos processos que geram vulnerabilização. As ameaças meteorológicas, hidrológicas ou geológicas desencadeiam eclosões que só virão a se tornar desastres quando houver vulnerabilidade, pouca capacidade de resposta e baixa mitigação de riscos em larga escala.

Como pesquisadoras dessa área, observamos o debate comunicacional se expandir em diferentes disciplinas e espaços de práticas, mas, ao mesmo tempo, entendemos que seja necessário qualificar os estudos, sobretudo no Brasil, a fim de que não haja reducionismos ou equívocos acerca da comunicação de riscos e desastres. Antes, durante e depois dos desastres, com objetivos e públicos diferentes, a comunicação é convocada por técnicos, gestores e políticos como a possibilidade de mitigar danos e ampliar uma perspectiva de prevenção, colaborando para a redução de riscos de desastres.

A expressão “comunicação de riscos”, ainda que tenha se popularizado em razão dos últimos desastres que eclodiram no Brasil, especialmente as inundações sem precedentes que afetaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, segue disputada por múltiplos sentidos, seja pela ausência de um aprofundamento teórico-epistemológico, seja pela sua origem interdisciplinar. O interesse de comunicólogos sobre esse assunto tem sido pontual. Este tema também é relativamente recente em nosso país: a primeira tese defendida na área é de 2001, da pesquisadora Cilene Victor, uma das autoras desta edição.

Powell e Leiss (2005) lembram que a expressão “comunicação sobre riscos” começou a ser usada em 1984, a partir do crescente interesse pelos estudos de percepção de riscos, que tentavam descobrir por que as visões sobre riscos eram tão diferentes. Desde então, a expressão já teve várias ênfases, com o objetivo de melhorar o diálogo entre os públicos e obter resultados mais efetivos no seu processo de gestão. Loose e Quinteros (2025) apontam

quatro abordagens comunicacionais ligadas a este conceito: gerencial, midiática, comunitária e de governança. Dessas, a perspectiva gerencial, associada ao entendimento que a comunicação seria uma ferramenta, meio ou instrumento que contribuiria com a gestão de riscos e desastres, segue sendo a mais corriqueira.

Os manuscritos recebidos para compor esta edição especial representam bem o estado da arte. Muitas vezes, os autores mencionavam a expressão-chave sem apontar as referências ou filiações teóricas, pois a comunicação era vista como caminho para outros debates, como o da educação, das políticas públicas ou do gerenciamento, para citar alguns exemplos. Esta experiência sublinha a carência de literatura que extrapole a lógica instrumental e avança no debate da comunicação de riscos e desastres como um processo complexo. Neste dossiê, adicionamos mais um fator de possível confusão: a somatória da mais conhecida “comunicação de riscos” com a “comunicação de desastres”. Além de promover as interconexões entre estes temas, consideramos que a “comunicação de riscos e desastres” seria mais abrangente, permitindo pensar o processo comunicacional em todas as etapas do ciclo de gestão. A expressão “comunicação de riscos de desastres” também foi aceita, sendo mais específica para as etapas de gestão anteriores à eclosão do desastre.

A ampla variedade de denominações, usos e compreensões, a partir de diferentes campos de conhecimentos, revelou-se problemática. Alguns textos submetidos não chegaram a citar a comunicação enquanto outros a entendiam como mera transmissão de informações, às vezes em um momento bastante específico do ciclo de gestão de riscos e desastres. Por outro lado, o alto número de submissões indica um interesse pela área, que acreditamos estar em fase de amadurecimento.

Esta edição demarca um espaço para ampliarmos o debate - com autores de todas as regiões brasileiras, e também de diferentes países (Chile, Argentina, Espanha e Estados Unidos). Assinalamos, ainda, que a escassez de cientistas brasileiros com esse foco de estudo foi sentida na busca por avaliadores para os textos recebidos, confirmando a percepção de que esta área ainda é pouco explorada no País, sendo um tema eventual ou secundário para alguns investigadores.

Optamos por incluir nesta edição um rol de textos bastante próximos a “relatos de experiência”, que demarcam práticas e articulações desde o fazer dos pesquisadores. Acreditamos que a interação e o diálogo entre estes diferentes profissionais pode ser o caminho para a construção de uma comunicação de riscos e desastres socioambientais mais robusta e eficiente. Além desses, estudos que partem de análises outras, alinhadas com os artigos científicos clássicos também foram publicados.

Os trabalhos publicados reforçam o caráter multidisciplinar da comunicação de riscos, incluindo, por exemplo, interfaces com instituições religiosas (Esteves et al., 2026), educação ambiental climática (Ferreira et al., 2026; Monteiro et al., 2026; Esteves et al., 2026), discussão de nomenclaturas

(Câmara & Laranjeiras, 2026), capacidades institucionais (Marchezini et al., 2026), povos tradicionais (Santos et al., 2026) e saúde (Karen et al., 2026; Broitman et al., 2026).

Além da multidisciplinaridade, há o desafio da intersetorialidade e da visão holística de interação entre fatores ambientais. A poluição atmosférica, por exemplo, pode se somar aos efeitos de vários desastres, principalmente aqueles relacionados a queimadas e incêndios florestais (Bezerra et al., 2026). Uma comunicação de risco de incêndios na vegetação, por exemplo, precisa das informações sobre a qualidade do ar para compor o conteúdo desta comunicação. Saber como a população entende o tema (percepção de risco) ajuda a fazer escolhas de linguagem, conteúdo, fluxo e público desta comunicação.

O desastre vivenciado no Rio Grande do Sul em 2024 é trazido em três estudos desta edição: um com foco na promoção de diálogos eficazes que considerem a complexidade dos fenômenos climáticos e suas implicações sociais, econômicas e ambientais (Ely & Redin, 2026); outro discutindo a construção social do voluntariado durante as inundações (Lobato da Costa et al., 2026); e um terceiro apresentando a cronologia do desastre e um relato das ações voluntárias de pesquisadores na produção e disseminação de informações essenciais (Possantti et al., 2026).

Na perspectiva de produções baseadas em experiências, destacamos o texto de Victor e Sanches (2026), que mobiliza a comunicação de riscos no âmbito da elaboração do Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil, publicado recentemente, em outubro de 2025, e que, pela primeira vez, traz em seus objetivos “aprimorar a comunicação de riscos e de desastres”.

O papel dos meios jornalísticos é analisado a partir da cobertura sobre riscos e desastres feita em quatro jornais de referência do Brasil, México, Peru e Espanha (Catalina-García et al., 2026), e também desde veículos locais, com foco na crise hídrica que afetou Curitiba e Região Metropolitana (Jorge et al., 2026) e em eventos deflagrados pelas chuvas extremas ocorridos em Santarém (Cortes et al., 2026). Notícias televisivas sobre as ondas de calor foram objeto da pesquisa de Costa e Luiz (2026).

A falta de comunicação também surge com um ponto de interesse. O estudo de Chaves et al. (2026) verificou como as populações vulneráveis de Porto Rico vivenciaram e lidaram com o colapso da infraestrutura de comunicações antes, durante e depois do furacão Maria.

A intersecção da comunicação de riscos com a comunicação pública está presente em dois artigos: quando Cozzi (2026) discute aspectos de resiliência em casos de inundação na Argentina e no Brasil; e na proposição teórica de Oliveira e Morais (2026) intitulada “comunicação pública de risco”.

Esta coletânea de artigos buscou oferecer um espaço para que mais vozes pudessem se manifestar, inclusive fora do eixo Sul-Sudeste. A expressão “dar voz” foi muito comum entre as contribuições. Reconhecemos a importância de ouvir as vozes que usualmente têm pouca escuta, porém optamos por não usar a expressão “dar voz”, porque consideramos que cada um tem a sua

própria voz - tanto no sentido literal quanto no sentido figurado (cada ser humano tem o que contar sobre suas experiências e sua visão de mundo) - e o necessário é oferecermos meios para que essas vozes sejam mais ouvidas.

Este dossiê reúne, em certa medida, um diagnóstico do caráter multifacetado e em desenvolvimento dos estudos orientados para melhor comunicar riscos e desastres. Essa variedade de olhares é um convite que as editoras estendem a todos os leitores interessados para que conheçam mais sobre os desafios e as potencialidades da área. Desejamos uma excelente leitura!

Agradecimentos

Aos colegas que dedicaram seu tempo e seus conhecimentos para avaliar os manuscritos, de forma anônima e sem remuneração.

Luciana agradece ao CNPq (Projeto 406040/2023-0) e ao Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais UNESP/Cemaden.

Eloisa agradece à Fapergs (Outorga 25/2551-0000848-4).

Referências

- Loose, E. B., & Quinteros, C. C. G. (2025). Comunicação de riscos no Brasil: Identificação dos estudos acerca de desastres e suas abordagens. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 24, 90–104.
- Powell, D., & Leiss, W. (2005). Um diagnóstico das falhas de comunicação sobre riscos. In L. Massarani, J. Turney, & I. Castro Moreira (Orgs.), *Terra incógnita: A interface entre ciência e público* (pp. 183–201). Fiocruz.

Eloisa Beling Loose
Luciana R. Londe
Organizadoras